

HIP-HOP E PRECONCEITO ÉTNICO-RACIAL: UMA ABORDAGEM PELA ÓTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA.

Prof. Isabela Gonçalves Valerio
E.E. Profº Mariano de Oliveira

Resumo:

A experiência pedagógica a ser descrita se desenvolveu com a turma do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual “*E.E Prof. Mariano de Oliveira*”, localizada na zona oeste de São Paulo – Pirituba. O tema emergiu a partir do argumento de uma aluna, que estava incomodada com as falas e gestos preconceituosos de um colega da sala frente a nordestinos e principalmente a negros.

Palavras chave: Hip-Hop, preconceito étnico-racial e desconstrução.

Introdução

No início do ano letivo de 2012, após algumas reflexões sobre a disciplina de educação física e de como o trabalho iria ser desenvolvido durante o ano, foi averiguado com os alunos práticas corporais que fazem parte do seu dia a dia surgindo assim às seguintes colocações: *futebol, caminhar, andar de bicicleta, lutas, handebol, tênis, skate, assistir a alguns esportes radicais, vôlei, basquete, natação, brincar, jogos virtuais, jogos, ginástica de academia, musculação e danças.*

No entanto, esta última prática mencionada esteve presente na fala de muitos alunos que relatavam: **“já pratiquei em outros locais como academias ou em escolas”, “existe diferentes estilo de dança”, “gosto das músicas agitadas”, “admiro quem sabe dançar”, “acha legal, gosto, mas, não sei dançar”, “já pratiquei danças africanas”,** entre outros comentários.

Na aula seguinte, através do pedido do coordenador, disse que era a professora coordenadora da sala deixando em aberto para que os alunos me procurassem em caso de alguma desavença entre os colegas ou com professores, como também proposta de intervenções junto à escola. No final da aula uma aluna me abordou, em particular, dizendo que um dos colegas da sala através de alguns olhares e falas agia com preconceito diante de nordestinos, negros e algumas particularidades da cultura brasileira. Esta aluna no caso é negra, já praticou danças africanas e demonstra uma postura crítica diante de algumas questões evidenciando certo incomodo frente aos comentários do colega.

Perante o fato *esclareci que não ia adiantar nos falarmos que tal ato era preconceituoso e inadequado, o importante seria buscarmos sensibilizá-lo tratando do tema e desmistificando alguns pensamentos e discursos que julgam determinadas culturas e etnias.*

Discussões sobre a temática

Neste caso em particular, destaco principalmente a reação frente à etnia negra que carrega consigo um processo histórico-social marcado muitas vezes pela anulação de sua cultura e de seus direitos. Estas anulações tendem a refletir na possibilidade de representatividade nos mais diferentes setores colocando-os a margem da sociedade.

Todo este processo que não é algo inerente e sim construído nas relações sociais pode vir a fazer parte do discurso de algumas pessoas que desconhecem as várias tentativas de mobilização e lutas realizadas por este grupo que incessantemente grita para ser respeitado.

Diante de todo este processo histórico marcado por rupturas e segregações algumas questões devem ser inferidas das quais destacamos: Como a cultura negra vem sendo representada dentro do contexto escolar? Até que ponto sua cultura faz-se presente em nossa sociedade?

Historicamente a cultura de determinados grupos torna-se centro de apreciação e consumo fazendo com que grande parte da população seja manipulada a seguir a cultura vigente e enquadrar-se ao perfil de estereótipo estabelecido. Tal manipulação tem como uma das justificativas que tais requisitos contribuíssem para o crescimento e formação do verdadeiro cidadão.

Em se tratando de cultura, Neto (2003) menciona que desde o século XVIII alguns modos e gostos foram postos como os ideais para serem transmitidos aos outros e durante as tentativas na pregação de uma monocultura confere ao Estado a tomada da escola como a instituição a serviço da tarefa em regular a sociedade. Mesmo atualmente temos algumas tentativas na conservação de uma única cultura que reflete desde: na organização escolar, nos materiais didáticos, nos documentos oficiais, na ação dos que compõe a escola, nos conteúdos, nos intervalos, nos corredores, enfim, na dinâmica destes espaços férteis necessitando de ações que visem rever possíveis mecanismos de imposição cultural.

Partindo destas análises cabe proporcionar momentos em que possamos mergulhar nos processos históricos, políticos e sociais que insistem em pregar a universalização de um único ser. Ao considerar as culturas de outros grupos dentro do contexto escolar exigirá promover situações que gerem desestabilizações que conseqüentemente virá a mexer com as subjetividades de todos os envolvidos.

Em um estudo realizado por Oliveira (2007) ao abordar a problemática perante os conflitos étnico-raciais e a tensão entre igualdade e diferença ante a aplicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Racial analisou-se que as dificuldades não recaíam somente em trabalhar com o documento em si, mas revelavam certos discursos como instrumento de defesa subjetiva que optava em culpar ou jogar a responsabilidade para o outro. Verificou-se através dos depoimentos dos docentes a importância de se fazer uma leitura sobre: o papel dos afrodescendentes no Brasil, a desconstrução de discursos enraizados sobre o mito da democracia racial, rever concepções hegemônicas de senso comum e proporcionar momentos de reflexões.

Afirmamos anteriormente que as novas diretrizes exigem dos professores mobilizarem subjetividades, desconstruírem noções e concepções apreendidas durante anos de formação, além de enfrentarem preconceitos e racismos muito além dos muros escolares (Oliveira, 2007, p.13).

Para abarcar as discussões utilizou-se como apoio teórico as contribuições vindas das teorias pós-críticas que trazem para o debate questões como: identidades, etnias, gêneros, dominação, cultura entre outros para serem analisadas de modo a buscar desmistificar certas construções reinantes. Todas estas questões são envolvidas por relações de poder e providas de significados que tendem a influenciar na subjetiva e identidade dos envolvidos.

A prática pedagógica pós-crítica sugere que as temáticas do currículo sejam confrontadas com as noções de poder que envolvem hegemonia, gênero, classe social, cultura e racismo. Assim tão importante quanto a vivência corporal do tema em estudo, são as leituras e interpretação das relações sociais imbricadas nas práticas corporais com base nessas categorias. (Neira & Nunes, 2010, p.245).

Também como contribuição para o relato, ressalto a participação no Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar Universidade de São Paulo (FEUSP), que através de leituras, discussões e realização de experiência pedagógica junto aos alunos

proporciona apoio para a elaboração e desenvolvimento de ações educativas comprometidas em promover a representatividade das diversas manifestações corporais.

Desenvolvimento das atividades

Assim, partindo da fala da aluna diante das colocações do colega, bem como a busca por trabalhar com a cultura negra almejou-se desenvolver com os alunos um trabalho que tomasse como pontos: momentos de diálogo, discussão emergidos pelas por estudos que considerem importante a representação de outras culturas.

Logo, na aula seguinte retomou-se a manifestação dança por ser esta uma das mais apreciadas pelos alunos. O passo seguinte foi mapear as danças que faziam parte de seus repertórios. E as respostas foram as seguintes: *tango, sertanejo, sertanejo universitário, pagode, hip hop, dança de rua, samba, dança de coco, pop, funk e axé*. O hip hop foi um dos mais apontados como o preferido da turma seguindo do samba e do sertanejo. Felizmente a colocação dos alunos foi de encontro para que pudéssemos desenvolver um trabalho que retratasse uma manifestação que tem como origem a participação de grupos marginalizados pela sociedade: afro-americanos, classe pobre e negra no Brasil.

Sendo o hip hop um dos mais ditos sugeriu-se a seguinte perguntar: O que vocês conhecem ou acham sobre o hip hop?: *“gosto da dança, mas não sei dançar (por volta de 12 alunos)”*, *“existem vários estilos de dança”*, *“o legal é que a dança é livre”*, *“representa os revoltados”*, *“gosto do som (por volta de 6 alunos)”*, *“sei que há competições de dança e canto”*, *“não conheço é um estilo que eu não gosto”*, *“indiferente”*, *“já assisti vídeos pela internet”*, *“muito vida louca, favela”* e *“é coisa de maloqueiro (frase relatada por uma aluna segundo a visão de sua mãe)*. Neste caso a dança foi o fator que os alunos mais gostavam e conheciam ao dizer algo sobre o hip hop.

Após as falas escrevi na lousa para discutirmos cada colocação, a fala que surtiu mais polêmica foi: *“muito vida louca, favela”*, fazendo com que a grande maioria se posicionasse contestando que era *“preconceituosa”*, *“que não é só favela, pois tem muito riquinho que curti hip hop”*, *“o problema é que a sociedade diz que é da favela e todo mundo concorda”*, *“é porque o hip hop vem da favela”*, *“que isto não está certo”*, *“não tem nada a ver”* *“alguns são maloqueiros sim”*.

Durante essa mesma aula, ao questioná-los o que mais sabiam sobre este movimento se conheciam algum colega da escola que curtia os alunos mencionaram o professor de arte, sendo assim disse que iria conversar com ele para que colaborasse com o nosso assunto¹.

Aos poucos os alunos argumentaram sobre outras referências ligadas ao hip-hop: que este surgiu nos “*guetos americanos*”, o nome de alguns grupos e cantores (MC’s), um aluno mencionou o estilo de roupa que o grupo usa, uma aluna disse que algumas meninas sofrem um pouco de preconceito dentro deste universo, outra mencionou que no grupo que fazia parte tinha apenas um menino, um aluno já improvisou um som apenas com os ruídos da boca. Então, se propôs que na próxima aula trouxessem algumas músicas ligadas ao movimento hip hop.

Depois das colocações dos alunos foram definidos alguns objetivos para conduzir o trabalho:

- Buscar retratar a origem do hip hop;
- Apresentar grupos e cantores que influenciaram este movimento;
- Conhecer e reconhecer os estilos de dança e suas influências;
- Procurar discutir a relevância social deste movimento;
- Questioná-los sobre quais são os preconceitos em torno deste movimento;
- Investigar informações sobre o hip hop no Brasil.

Na aula seguinte alguns alunos tinham em seu celular músicas que juntos procuramos identificar qual o estilo musical: *RAP* ou *Black Music*². A grande maioria sabia através da batida da música identificar algumas especificidades do *RAP* que no decorrer dessa ação foi explicado que uma das características são as letras de cunho social mesmo que existam alguns grupos musicais que retratam em suas letras ostentação a mulheres, dinheiro, fama, diversão e questões religiosas.

Após ouvirmos o som dos alunos foram expostos alguns clipes organizados de maneira a explicar personalidades e grupos que contribuíram para a difusão do movimento e marcaram o início do *RAP* nos Estados Unidos e do *RAP* no Brasil, além de influenciarem grupos recentes. Durante a exibição alguns comentários eclodiam

¹ Após conversa com o professor este se prontificou a colaborar, porém em sua disciplina abordará só no próximo bimestre.

² Segundo o site (www.pcg.com.br/eblack/07.ht), Black music é todo e qualquer gênero musical, negro, de procedência afro-americano.

revelando: conhecerem os cliques, estranharem as roupas, um dos alunos comentou que em sua infância ouviu estas músicas influenciado pelo pai, para outra parcela aqueles grupos e cantores eram desconhecidos, improvisavam-se passos por parte de alguns alunos, muitos gostaram de ver James Brown dançar, enfim diferentes reações ocorreram.

Terminada esta etapa ficou combinado que na próxima aula os alunos iriam reunir-se em grupos para ensaiarem alguns passos ligados ao *break* que segundo FELIX (2005) “(...) constitui o terceiro elemento que é uma forma de dança no qual os praticante devem demonstrar grande domínio de sua gestualidade” (p. 62).

Nestas aulas as trocas foram interessantes, pois os alunos combinavam passos, trocavam informações, tentavam aprender com os colegas e neste meio tempo busquei passar pelos grupos para aprender e colaborar caso necessário. Ao observar este momento verifiquei um grande envolvimento por parte dos alunos que no início demonstraram certa timidez ou mesmo conflitos entre os membros do grupo, mas aos poucos estes foram se envolvendo e tentando criar e aprender passos da dança.

A ampliação dos conhecimentos dos alunos frente à dança *Break* deu-se durante a apresentação dos passos como também após a exibição de três vídeos³ tendo como intenção colaborar para que pudessem perceber possíveis semelhanças e/ou diferenças de seus passos elaborados com os apresentados nos vídeos.

A seleção do vídeo sobre “*Brasileiro é campeão mundial de break*”, teve como finalidade mostrar que o *Break* é praticado por pessoas de várias partes do mundo, de diferentes idades, gênero e etnias possibilitando desconstruir certa visão que esta dança é uma prática corporal realizada apenas por um determinado grupo.

A síntese do que foi vivenciado até então foi exposto em tópicos no programa *power-point* refletindo em alguns comentários por parte dos alunos tais como: “*eu desconhecia a história do hip hop*” (frente às explicações do surgimento do movimento), “*muitos filmes colocam um negro no elenco só para dizer que tem um*”(frase:”Surgem cliques com personagens negros”), “*lembro de alguns programa de rap, mas não são em todos os canais*”(um ponto sobre o *hip hop* na mídia), entre outras falas que partiam tanto das peculiaridades do movimento, quanto da presença da etnia negra tanto no *hip hop* como em outros contextos sociais e sobre a composição das letras do *rap* produzido na atualidade.

³ Reportagem de Roberta Garcia sobre Break/Hip Hop / Globo vídeos - Vídeo Brasileiro é campeão mundial de break, e o *Break dance Brasil* metro São Bento 1993 parte 1: acessados em 21/05 – www.youtube.com.

Ao fim da apresentação três questões foram lançadas: “Será que ainda existe preconceito com relação ao movimento *hip-hop*?” “E com relação às pessoas que curtem este movimento?” “Será que a mídia e a sociedade reconhecem este movimento como cultura?”

Assim apresentamos algumas frases referente à primeira questão: *“preconceito sempre vai existir de tudo que as outras pessoas acham diferente, mas eu acredito que seja menor”*; *“infelizmente existem pessoas que acham que seu estilo musical ou classe social e mais e melhor que as outras”*; *“quem desconhece acha que é coisa de gangue”*. A maioria escreveu ser vista com preconceito, pois as pessoas associam com arruaceiros, não consideram como cultura, por preconceito étnico, pela roupa que vestem entre outras colocações que recaem no fato de não conhecerem: *“não querem nem observar”*.

Perante a segunda questão alguns acham que o preconceito com relação às pessoas que *curtem* o movimento vem decaindo pelo fato de ser mais visto e discutido na sociedade, entretanto outros acreditam que há o preconceito sim por associarem: *“(...) a maloqueiros”, “criminalidade”, “coisas erradas”* ou ainda porque as pessoas *“julgam sem saber da história”*

Na terceira e última questão a posição dos alunos recaía sobre a diminuição do preconceito por parte da mídia e da sociedade, todavia determinadas colocações se contradiziam como também revelam uma aceitação camuflada por parte da mídia e da sociedade: *“este movimento é menos discutido na mídia e quando é discutido sempre é envolvido nas colunas humildes e pobres (...)”*; *“(...) a mídia mostra algo para não parecer preconceito”*; *“alguns programas sim porque é uma cultura negra outros não por ser praticado por negros”*; *“sim é a cultura daqueles que estão dispostos a lutar pela igualdade social e defender sua arte”*; *“muitas emissoras reconhecem este movimento mas percebem o grande afastamento da mídia influente como a Rede Globo e da sociedade que diz que o hip hop vão contra os ‘valores’”*; *“sim, pois de certa maneira a mídia comenta sobre o assunto e acaba que faz uma divulgação, ela meio que favorece o hip hop eles vivem em conflito, mas um acaba cedendo para o outro”*.

As colocações realizadas pelos alunos demonstraram que ainda o movimento *hip hop* é visto de forma deturpada e não discutido amplamente, entretanto outros consideram que aos poucos vem ocorrendo à mudança, mas ainda faz-se necessário maior intervenção para que de fato seja reconhecido como cultura: *“(...) vemos na*

mídia mas como movimento não como cultura. Já a sociedade como se influência pela mídia acaba aceitando e acreditando que o hip hop seja apenas um movimento e não uma cultura”.

Diante das colocações e escritas dos alunos, propôs-se um espaço em que os grupos expusessem para a sala algum material sobre o que foi estudado e vivenciado até então. Os materiais pesquisados e apresentados para a sala foram os seguintes: Clipes relacionados aos diferentes gêneros de RAP, origem do grafite e da dança. Durante as apresentações os alunos consideravam as letras do rap de grande valor dentro do movimento como também valorizavam a aproximação de outros temas que fazem parte do cotidiano como, por exemplo, o amor, saudade, consumismo, etc

Esta diversidade de temáticas que os alunos souberam perceber é alvo de polêmica também entre integrantes da cultura Hip-Hop, como na fala *Nelson Triunfo*, um dos representantes do Hip-Hop no Brasil a *Buzo e Gilberto Yoshinaga* (2010).

(...) Acho interessante preservarmos os valores, mas temos que assimilar concepções diferentes de se ver e produzir cultura, respeitando a diversidade. Uns trabalham mais a questão racial, outros seguem uma linha romântica, politizada, gospel ou underground, entre outras. Tudo isso junto é que dá ao hip-hop a beleza que ele tem. É até legal ter esse ar de “desorganização”, porque isso é que dá total liberdade de expressão e criação. Acho que, se organizarmos demais a cultura, ela se estraga. Chico Science já dizia, né? ‘(...) Que eu me organizando posso desorganizar.’ (Buzo, 2010, p32).

Considerações Finais

Ao final da experiência pedagógica realizada mediante as colocações e participação dos alunos verificaram-se momentos de trocas, representação de uma manifestação corporal que faz parte do dia a dia de alguns alunos, oportunidade de reconhecimento e diálogo frente a um tema até então desconhecida por parte de outros e investigações sobre algumas especificidades do movimento *hip hop*.

Houve também um espaço em que a cultura negra e outras questões que envolvem este etnia fossem alvo de discussões não só diante do tema em questão, mas também sua presença em outros contextos sociais, “*consegui entrar na ETc através da cotas*”, “*muitos filmes colocam um negro no elenco só para dizer que tem um*”, “*pela primeira vez na novela teve um protagonista negro*”.

Entretanto ressaltamos que a desconstrução sobre a cultura negra deve ser uma ação que envolva toda a escola, a sociedade e a mídia para que de fato este grupo seja reconhecido. Ações como estas tentem sim a colaborar para que tratemos as outras culturas, manifestações corporais ou mesmo outras etnias dentro do ambiente escolar de maneira a contribuir com possíveis desestabilizações quando se busca rever, investigar e analisar como tais construções foram arquitetadas.

Contudo, faz se necessários outros trabalhos e intervenções que envolvam as contribuições da cultura negra, bem como, de outros grupos que oportunamente são representados no contexto educacional, espaço este permeado de diversidades que muitas vezes ainda mantém em seu cerne a representação de uma única cultura, grupos, ou mesmo praticas corporais.

Referências Bibliográficas

FELIX, João Batista de Jesus. *Hip Hop cultura política no contexto paulistano* – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Curso de Ciências Sociais – Cap.:02 História do hip hop nos EUA e no Brasil, 2005.

Buzo, Alessandro – *Hip Hop dentro do movimento*. Rio de Janeiro: Coleção tramas urbanas, 2010

NETO, Alfredo Veiga. *Cultura, culturas e educação* - Rev. Bras. de Educação n.23, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes. *Concepções Docentes sobre as Relações Étnico-Raciais em Educação e a Lei 10639*. PUC-Rio. In: Anais da 30ª Reunião da Anped. GT: Didática. 2007.

NEIRA, Marcos Garcia & NUNES Mario Luis Ferrari - *Educação Física Currículo e cultura*, São Paulo: Ed. Phorte, 2009.